

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA

O SECULO

RITA

DESTINOS

NOVELA INFANTIL
POR
GRACIETTE BRANCO

CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

Miss Hellen, duma sensibilidade requintadamente feminina, e, por conseguinte, ardente e vibrátil, não podia, não sabia, não queria esconder de seus pais, todos os sentimentos que lhe nasciam na alma.

Filha dilecta e amimada, embora duma liberdade genuinamente inglesa, Hellen habituara-se, desde criança, a que os seus desejos representassem ordens.

Foi com grande júbilo que seu pai a viu entrar no seu gabinete de trabalho. Dizia êle que tudo se iluminava, á sua entrada, que era ela o verdadeiro sol daquela casa.

«Boas tardes, pai.»

— «Boas tardes, Hellen. Então por cá? Senta-te aqui. Tens alguma coisa a dizer-me?»

Hellen sorriu, e garotamente, piscando os olhos:

— «O senhor meu pai é dum espírito tão prático que não admite a idéa da sua filha a vir

visitar apenas com o unico fim de matar saudades...».

— «Bravo, minha Hellen! E's a mais encantadora de todas as filhas do mundo!

Mas, para matar saudades, acho que ainda não começaste pelo inevitavel prólogo...».

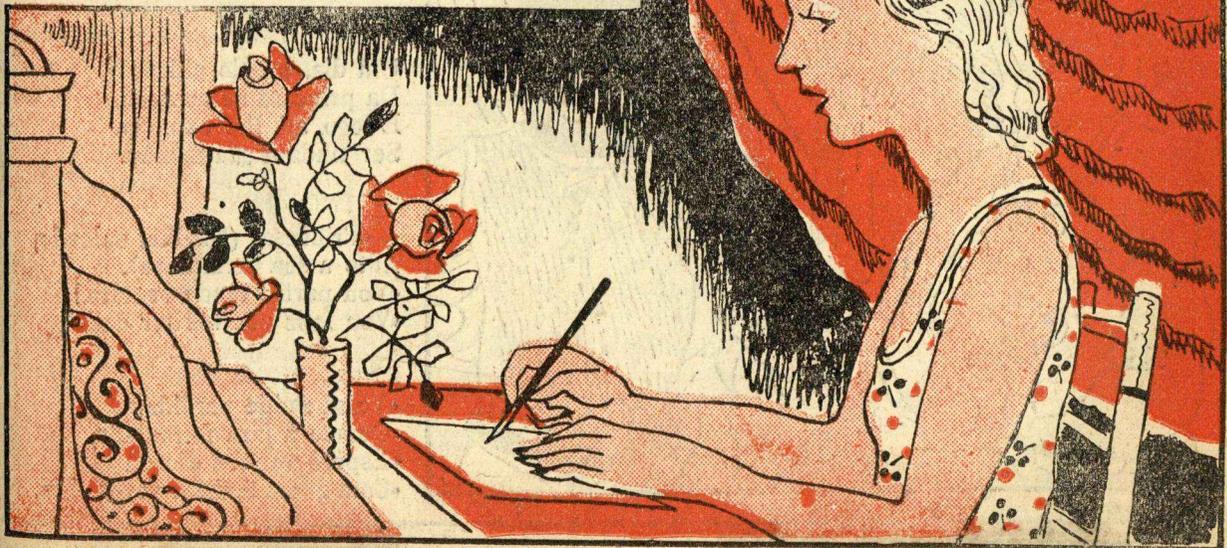
— «Qual?!... Dar-lhe um beijo? Aqui o tens.

E Hellen sentou-se na borda da secretária, enchendo de beijos a fronte simpática do mister Grossmith.

— «Então o que tem feito a minha filha, esta tarde? Saíu? Jogou o «golf»? »

— «Não. Ainda hoje não saí de casa.

(Continua na pag. 3)



A PRINCESA E O ALDEÃO

Por ZÉ D'ALDEIA

Uma vez uma princesa,
Filha dum rei poderoso,
Dum país misterioso,
Um éden, uma riqueza!

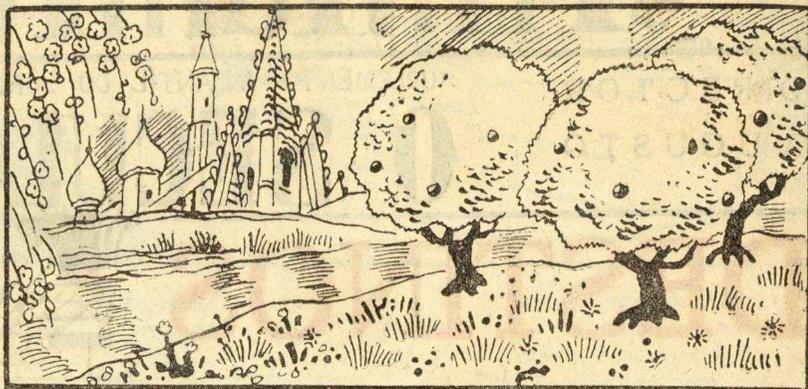
Onde o chão tinha fulgores
Dum fogo acariciador;
Onde havia paz e amor,
E mil flores, muitas flores;

Onde tudo era ventura,
Paz, sossego e harmonia;
Nas almas franca alegria,
Por toda a parte fartura!

Ora a nossa princesinha,
D'olhos azuis, côr do céu,
Certo dia adoeceu,
De repente, coitadinha!

Procuram sábios doutores
Origem de tal penar,
Mas não o podem explicar!
Tem a côrte os seus temores.

E a doença misteriosa
Sem ceder ao tratamento!
No seu triste abatimento,
Compara-se, em pensamento,
Ao murchar de linha rosa!



Desolado, o rei mandou
Pelo mundo procurar
Remédio para a curar,
Mas de balde o procurou!

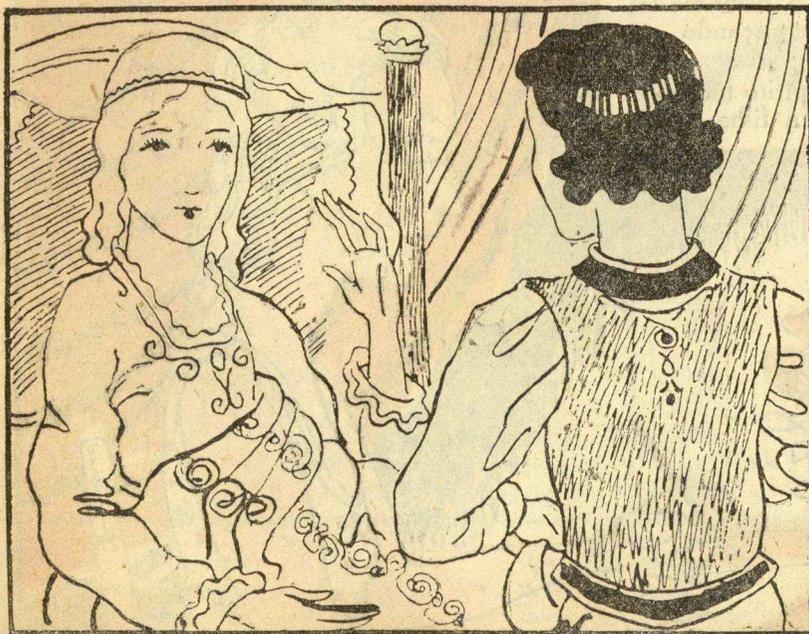
E a princezinha no leito,
Entre rendas, entre arminhos,
E roupas de finos linhos,
Já tem da morte o aspeito.

Numa súplica ao bom Deus
Quási a sentir-se morrer:
—«Bom Deus! Deixai-me viver!»
Proferem os lábios seus.

Palavras mal eram ditas,
Alguém à porta bateu:
—«Princesa! Curo-vos eu,
Se em meu saber acreditais.»—

—«Entra!»—, —lhe diz a princesa,—
E, vendo um belo aldeão,
Que o rei traz por sua mão
Com a maior singeleza,

Diz a princesa:—«Aldeão,
Vou fazer-te um juramento,
Se curas meu sofrimento
Dar-te-hei meu coração!»—



E com ervinhas dos montes
Que o bom aldeão apanhou,
E água purinha das fontes,
A princezinha curou!

Um dia, o belo aldeão
Da princesa se acercou,
E logo, ali, lhe explicou
Ser finda a sua missão.

—«Princesa! (Diz-lhe, enleado,
Ante a sua formosura).
«Vou partir, tende ventura!
«Vou feliz por vos ter dado

«Vossa saúde perdida,
«Quanto à jura formulada,
«Espero ver-vos casada
«Com quem tenha a vossa vida.

«Eu sou um simples aldeão,
«Vós uma princesa nobre;
«Sois poderosa, eu sou pobre,
«Só tenho um bom coração.»—

Dos olhos celestiais
Da princesa agradecida,
Lágrimas, n'uma descida,
Tão puras como cristais,

Pérolas das mais formosas,
Vão caíndo, lentamente!
Oh! Que tristeza dolente
Nas suas faces mimosas!

E baixando os olhos seus:
—«Não, aldeão, tu não vais...
«Sou princesa, mas iguais
«Nós somos perante Deus!

«Se em mim só vês a princesa
(Que me importa a fidalguia?!)
«Eu desprezo essa honraria
«E passo a ser camponesa!»—

* * *

No castelo do bom rei
Há festa de grande gala.
Pairam perfumes na sala,
Estão lá nobres de lei!



Muito povo dando palmas,
Por todos as cercanias.
Nunca em grandes romarias
Se juntaram tantas almas!

* * *

Que vos fique na memória
Esta verdade bem alta,
Se Deus promete, não falta...
E, pronto, findou a história.

Casara-se a princezinha
Com êsse esbelto aldeão,
Que lhe dera salvação
Da doença que ela tinha.

≡ FIM ≡

DESTINOS

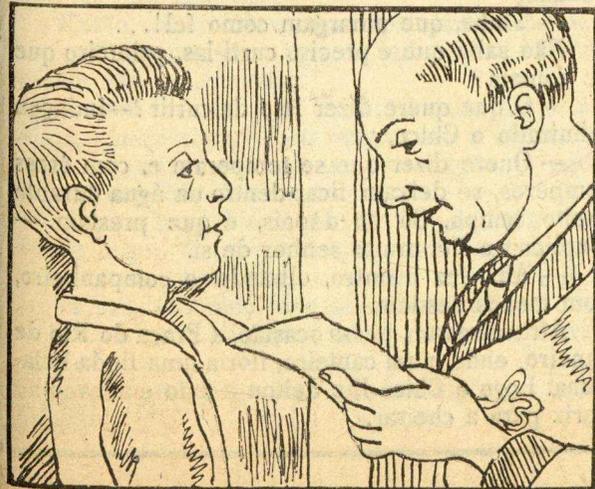
(Continuação da 1.ª pag.)

Estive, há pouco, a conversar com o Fernando».

— «Ah, sim? E então? Que impressão tens dêle?».

Hellen, súbitamente, animou-se, corou e os olhos encheram-se de brilho.

— «Oh pai! Nunca tiveste um empregado assim! O interêsse que êle toma por tudo! O que êle se esforça por te agradar! O que êle trabalha!



E como êle é distinto e elegante! Como as suas maneiras são correctas! Deves auxiliá-lo muito, meu pai! O seu maior desejo é conseguir, na vida, uma situação de destaque! Gostaria de vê-lo rico! Talvez milionário.

Mister Grossmith olhava, atentamente, o rôsto alvoroçado da filha, com um imperceptível sorriso...

— «Pois, minha Hellen, — prosseguiu — há muito tempo que não te via falar com tanto entusiasmo! Simpatizas assim tanto com Fernando?...».

— «Muito, — oh! muito, meu pai!

Há, em tôda a sua maneira de ser, qualquer coisa de novo, de especial, que não estou habituada a encontrar nos outros rapazes que conheço!

«Tudo o que diz obedece a um são raciocínio e todas as suas opiniões são regidas, por uma inteligência solida.»

— «E' verdade, Hellen. E' bem verdade o que afirmas. Também o estimo bastante e desejo eleva-lo na vida.»

Mister Grossmith calou-se e Hellen, sorrindo, misteriosamente, olhava para o chão.

De subito, ergueu a cabeça e fixando, atentamente, o Pai, exclamou, meio a rir, meio séria:

— «O que dirias tu, Paizinho, se eu um dia, resolvesse fazer, de Fernando, teu genro?!...»

Continua no proximo numero

Uma conversa surpreendida

Pelo ANÃO SABICHÃO

UM dia destes, vinha eu muito descansado, a pensar no assunto que havia de escolher para esta palestra semanal, quando, por acaso, comecei a interessar-me pelo que diziam dois rapazinhos que iam à minha frente. Um deles, era um pequeno saloio, de ar esperto e decidido, o outro, um menino da cidade, muito bem posto e que falava, com ar importante e superior.

E eis aqui o que lhes ouvi, por acaso, já se vê, porque, como os meninos sabem, prestar ouvidos ao que os outros dizem, não é lá muito bonito!

Mas, desta vez, foi ainda para os servir que cometi esta indiscrição, e eles falavam tão alto!...

De mãos nas algibeiras, olhando para o garoto saloio, com um certo desdem, o rapazinho fino, dizia:

— Como sabes, Zé, partimos para a quinta, de que o teu pai é caseiro, daqui a uns dias. Enquanto não chegarem de Lisboa, os primos, só te tenho a ti para companheiro de brincadeiras. Não me cheira que me vá divertir lá muito!

O outro gaguejou, um tanto enfiado: — O me-



nino Chico tem razão, mas foi o senhor seu pai que me disse para brincarmos juntos... Já se vê, como o outro que diz, a gente tem que obedecer. Ele é que é o patrão...

— O patrão grande e eu sou o patrão pequeno, por isso hei-de-te aproveitar para me aparelhares o burro, lebares as canas para a pesca, a espingarda para a caça...

— Mas o menino só pode caçar, no tempo da apanha da úva... — interrompeu o Zé.

— E quando é a apanha da úva?

— Lá para Setembro. Ao depois são as vindimas, ao depois a apanha da azeitona...

— Disso, gosto eu! Devem ser bem boas, apanhadinhas da árvore!

Então, o Zé deu uma gargalhada e replicou, divertido:

— Sempre queria ver a careta que o menino faria, se abocanhasse uma, colhidinha da árvore!

— Então, isso que tinha? — exclamou o menino da cidade, encarando o garoto, com uma cara vexada.

— Tinha, que amargam como fel!...

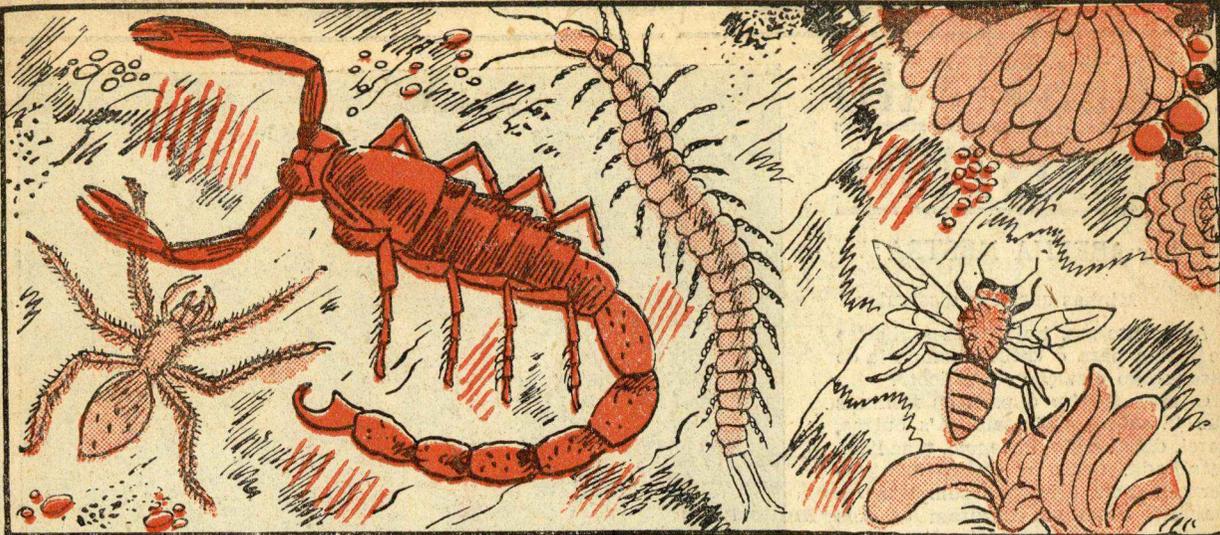
Não sabe que é preciso curti-las, primeiro que se comam?

— O que quere dizer isso de curtir? — indagou admirado o Chico.

— Quere dizer que se temperam e, com esses tempéros, se deixam ficar dentro da água durante muito tempo. Só ao depois, é que prestam. — Explicou o Zé, muito senhor de si.

— Ah! fez o outro, olhando o companheiro, com menos desdém.

Atravessavam, nessa ocasião, a Praça do Rio de Janeiro, onde, num canteiro, floria uma linda beladona. Logo o Chico lhe deitou a mão e a levou ao nariz para a cheirar.



— Cuidado, menino! — Gritou-lhe o Zé—olhe que essa flôr é venenosa. Se a meter na bôca, pode morrer!

— Incrédulo, o outro acudiu:

— E' agora venenosa!... Uma flôr tão linda!...

— Já se vê que sim! Nós, lá na aldeia, temos muito cuidado com ela, e com o rebenta-bois, umas bolinhas encarnadas, bem bonitas!

No campo há muitas flores que fazem mal, tal qual como os bichos.

Alguns têm peçonha! E' bom conhecê-los.

O Chico, já mais humilde, comentou:

— Não pensava que fôssem precisos tantos conhecimentos para se viver na aldeia!

Dize-me lá, lembras-te de nomes de animais perigosos!

Há por lá os lacráus que são peçonhentos, que têm diacho, as víboras que voltam um home com uma picada, mais as garrochas, as centopeias, os formigões, as *avespas* e as abelhas, um rôr de bichêza!...

A voz do menino fino, muito trémula, exclamou:

— Crédo! Até me fazes ter medo!...

Agora, era o saloio que olhava, desdenhoso:

— Vocemecê saberá muito, mas lá de cousas do campo não pesca mesmo nada!

Ora vamos lá a saber! Em que mês canta o cuco? Onde é que a cegonha faz o ninho?

Qual é o pássaro que se fina pelos figos? Para que serve o mangoal?

Então, o Chico, deveras atrapalhado, respondeu:

— Como queres tu que eu saiba disso, se lá na escola não me ensinam!

— Pois eu lhe vou dizer: O cuco canta em Maio. *Cu-cu-cu-cu!*—bem engraçado o bicharôcol!

— A cegonha encarrapita-se nas mēdas de palha e nas chaminés dos casais.

Parece uma aventesma, lá empoleirada! — A folosa é que é o pássaro que mais depenica nos figos e o mangoal é para malhar o trigo na eira. Se calhar, o menino nem sabe o que é uma eira? — exclamou o pequeno saloio, com um sorriso irónico.

— Até aí chego eu! — resmungou o outro, vexado.

— Mas talvez não saiba que aquele triguinho que lá tem visto, se moi depois, e depois se amassa e vai pró forno e, feito em pão, vai para a nossa barriguinha.

Riram os dois ao mesmo tempo, e o Chico, passando o braço pelas costas do Zé, exclamou já muito bem humorado:

— Vou fazer-te uma proposta, amigo Zé! Lá na quinta, serás tu o meu mestre, já que tanto entendes do que eu não sei. Quando chover e tivermos de ficar em casa, eu ensino-te a ler. Trocamos, assim, o nosso saber e ficamos dois sábios, para metermos num chinelo os primos de Lisboa.

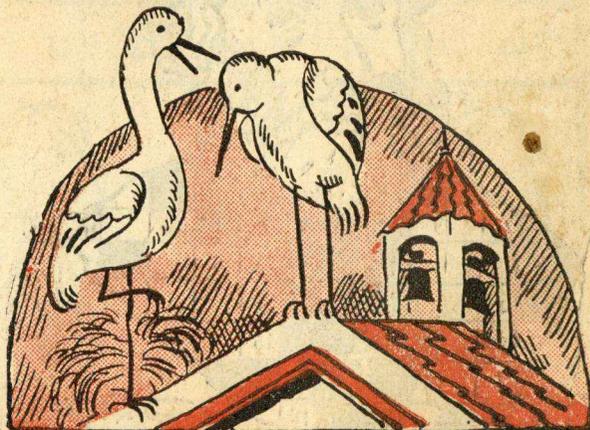
— O menino parece mesmo que adivinhou o que eu mais queria! Aprender a ler por cima, que lá as letras já eu as ajunto...

Assim, andando e conversando, chegaram a uma casa apalaçada e o Chico, antes de entrar o portão, disse para o outro:

— Deus queira que o meu pai já tenha feito as contas com o teu. Levo uma tal fome para o almôço! E tu?

Com este palavriado se sumiram, sem nunca terem dado por mim, e eu achei tão interessante tudo o que lhes ouvi que nem faço considerações.

Os meus amiguinhos, certamente, aprenderam bem a lição do pequeno Zé saloio ao menino Chico da cidade que, por fim, também se saú um rapazinho como se quere!



O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas discípulas

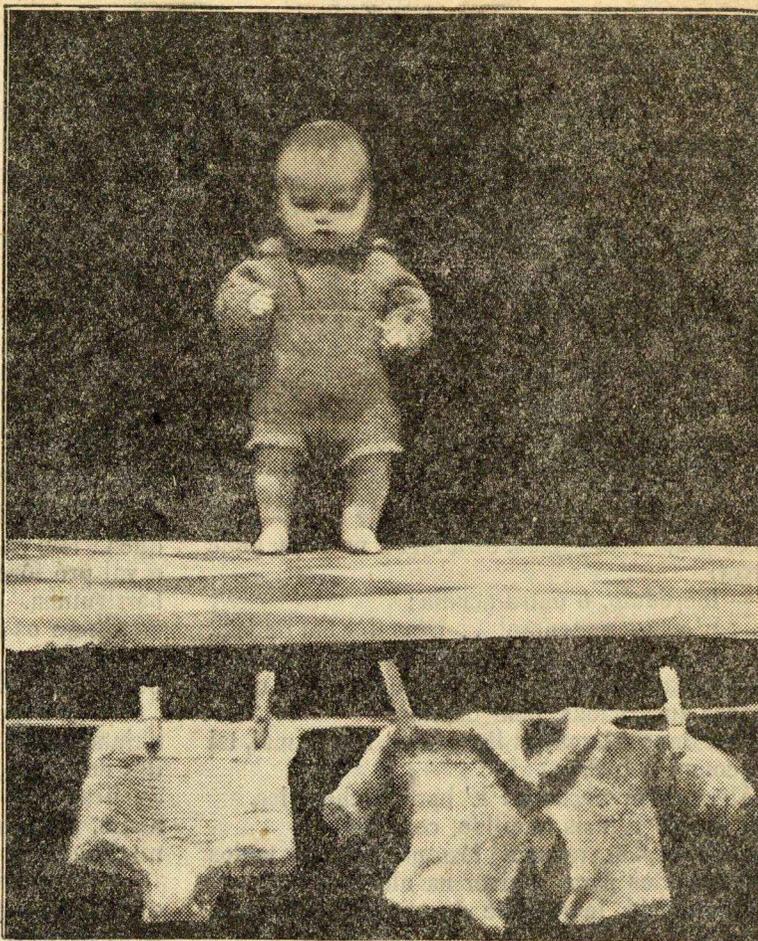
Apresento-vos, hoje, uma «toilette» de malha para o «bébé», composta de casaquinho e calção em «tricot».

O meu modelo é para as meninas que já sabem «tricotar». A's outras, darei, daqui a algum tempo, uma lição detalhada. Como o espaço não me permite uma descrição completa da maneira como se executam os dois modelos, reservo a minha lição para os calções, visto que a execução do casaquinho é mais intuitiva.

Os calçõesinhos começam a fazer-se pelo cós. Primeiro a parte da frente, trabalhando-a da seguinte maneira: três malhas de liga, três malhas de revesilho, três de liga, três de revesilho, etc., até ao fim da carreira. As carreiras seguintes continuam-se sempre assim, até obter dois centímetros de elástico. Depois continua-se o trabalho com o ponto de liga em todas as carreiras e assim fazem dez centímetros, findos os quais voltam, novamente, a fazer mais dois centímetros de elástico.

Chegam, então, à altura da entreperna e para isso vão fechando o trabalho de um lado e outro, até deixar só 5 malhas no meio para trabalhar e, com essas seis malhas, trabalham mais dois centímetros. Depois aumentam para um e outro lado, tantas malhas quantas as que tinham fechado quando chegaram à entreperna.

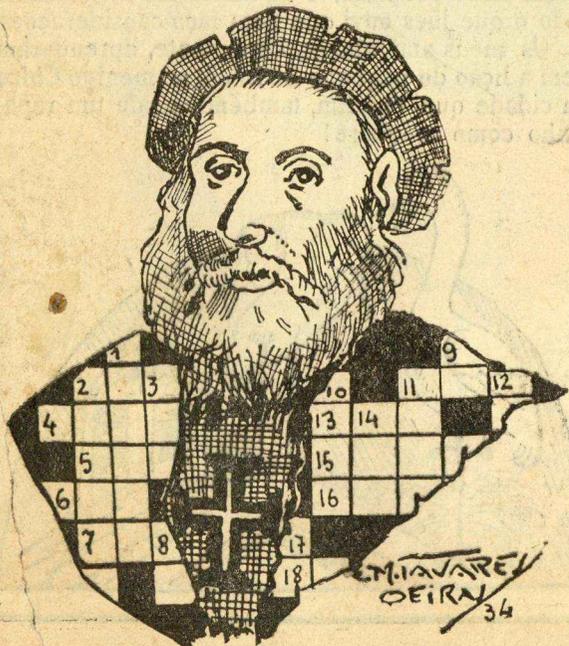
Estão, então, já ao fazer o 2.º lado dos calções. Começam por 2 centíme-



tros de elástico, a seguir dez centímetros de liga e por fim 2 centímetros de elástico. Teem, assim, os calções quasi concluidos; só falta cosê-los dos lados. Para terminar fazem uma carreira de abertos, toda à volta do cós e nela en-

fiam um elástico com a medida da cintura do bébé. Em volta das pernas fazem um pequenino «picot».

Maria Odette: O seu pedido será satisfeito no próximo número.



PALAVRAS CRUZADAS

VASCO DA GAMA

HORISONTAIS: — 1, consoante; 2, preposição; 4, navegador português; 5, produto das abelhas; 6, verbo; 7, letras da palavra (Lousã); 9, consoante; 10, consoante; 11, verbo ir; 13, data; 15, Imperador Romauo; 16, educador; 17, consoante; 18, suspiro.

VERTICAIS: — 1, autor dos poemas «Hiliada» e «Odisseia»; 2, escritor português; 3, tudo que prejudica; 8, catedral; 9, pedra redonda; 10, rio europeu; 11, cidade portuguesa; 12, verbo; 14, soberano; 17, animal.

CHARADAS SIMCOPADAS

Por Hidalgo

É do Oriente que vem o vento brando 3-2
 O homem pequeno é mulato 3-2
 O casquilho foi aqui posto por esta ave 3-2
 Qualquer alteração pode ocasionar uma
 molha 3-2

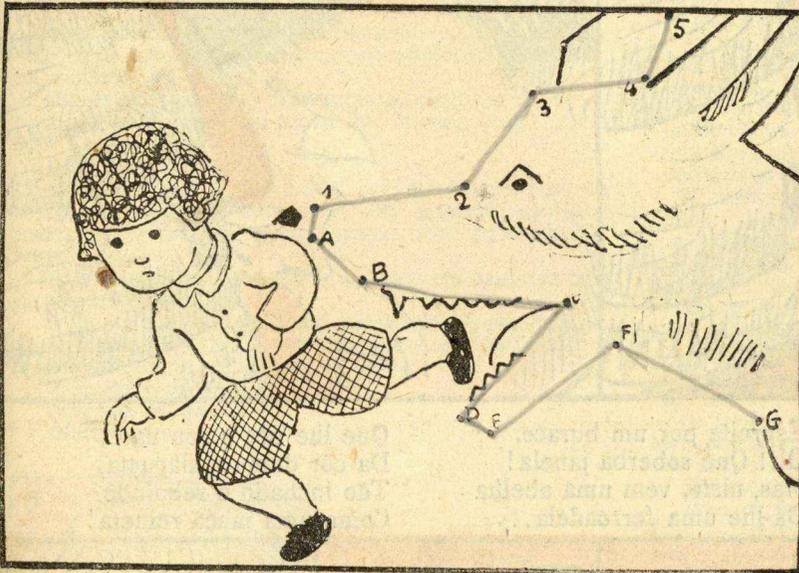
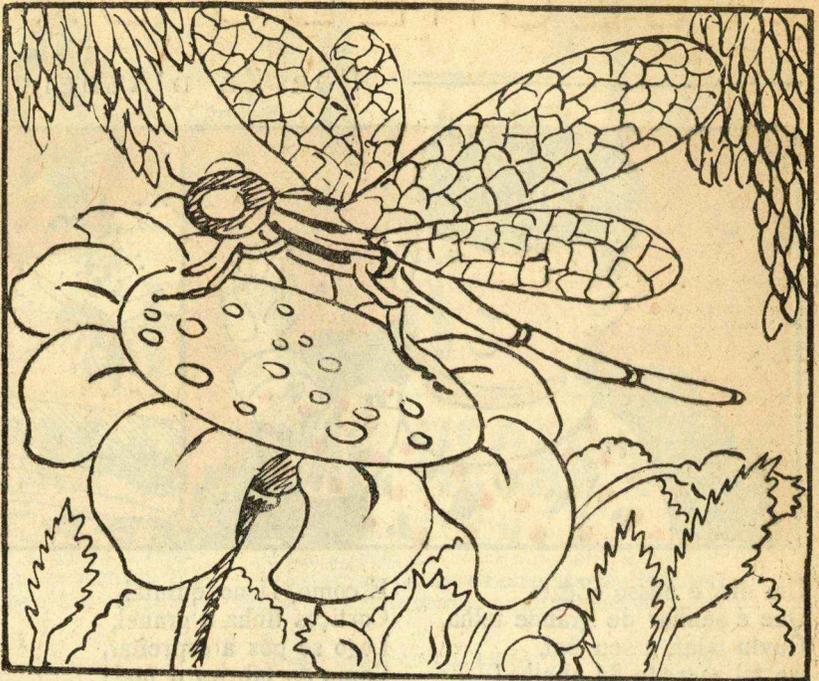
CHARADAS COMBINADAS

por E. M. TAVARES

- | | |
|----------------------------------|----------------------------|
| +so - Animal do polo norte | +la - Pano de navio |
| +o - Divisão do tempo | +a - Despida |
| +va - Ovário dos peixes | +a - Apellido |
| Conceito: Planeta | Conceito: Planeta |
| +lo - Nome de homem | +po - Animal |
| +o - Cognome de um rei português | +co - Habitante da Turquia |
| +la - Tecido | +ta - Apontamento |
| +io - Curso de água | +ta - Apontamento |
| Conceito: Planeta | Conceito: Planeta |

Solução as charadas em frase anteriores: 1 - Vistoso; 2 - Barracão; 3 - Falua; 4 - Galocha.

Solução das charadas combinadas: - 1 - Inglaterra; 2 - Itália; 3 - Roménia.

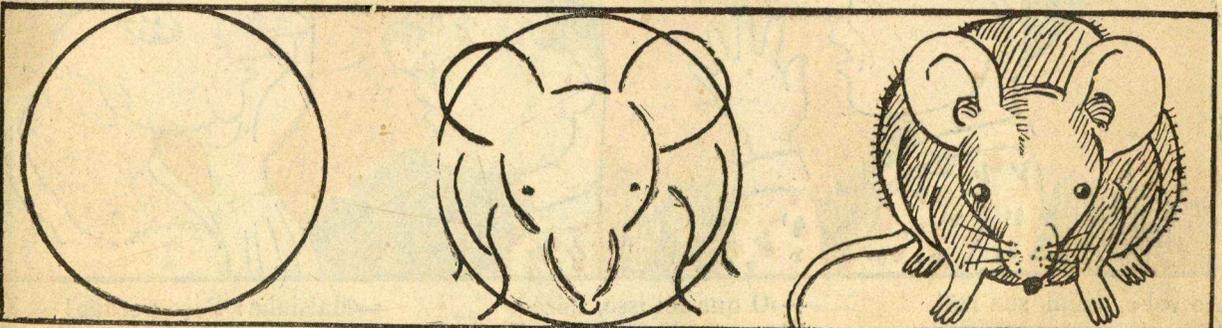


ADIVINHA

Meus meninos: Vejam se descobrem, — (ligando com um traço, os números e as letras, por sua ordem) — porque motivo este menino foge tão assustado.



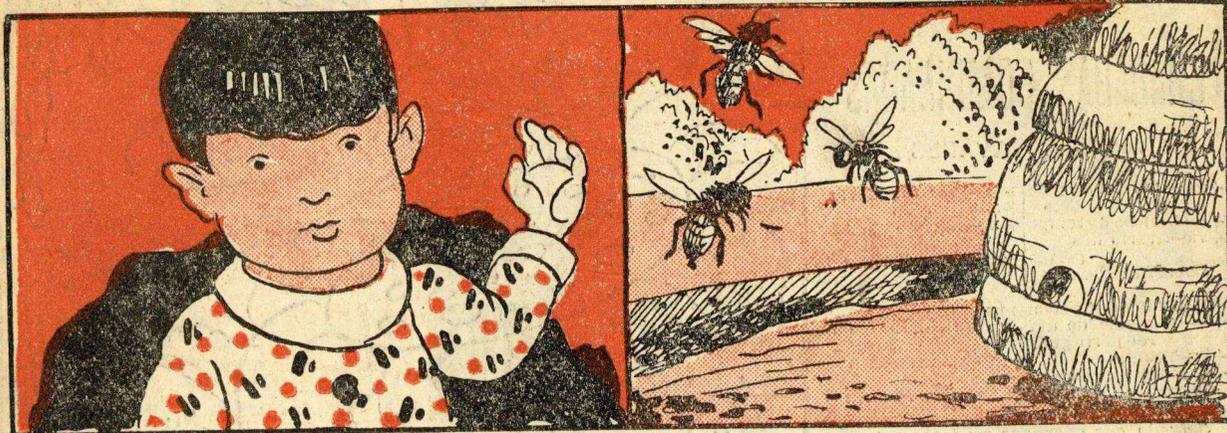
L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um ratinho

O SEGREDO DA ABELHA

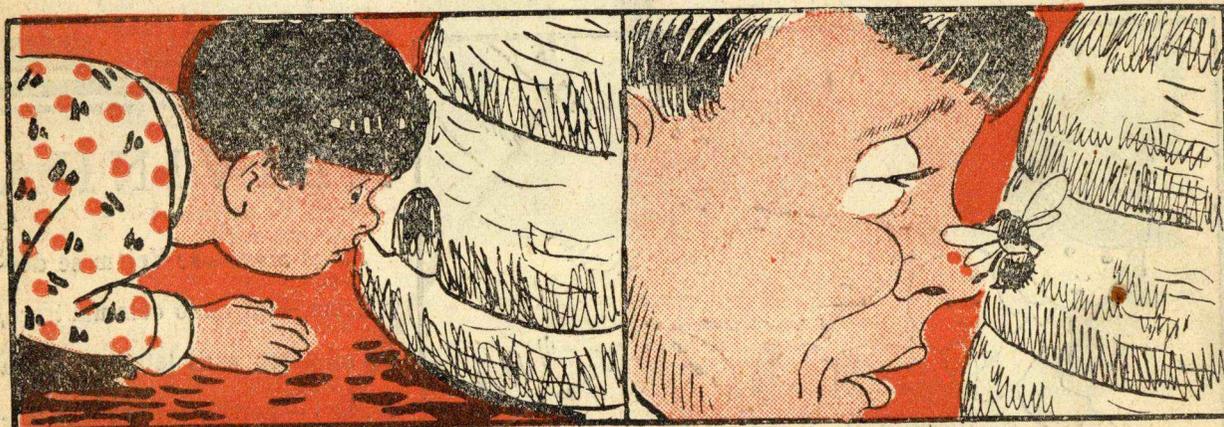
POR ZÉ D'ALDEIA



Um dia, o nosso «Zézé»
Que é senhor de grande telha,
OuvIU falar, a seu pai,
No tal segredo da abelha!

E como, lá no quintal,
Cortiços tinha a granel,
Logo se pôs a espreitar,
Como se fabrica o mel!

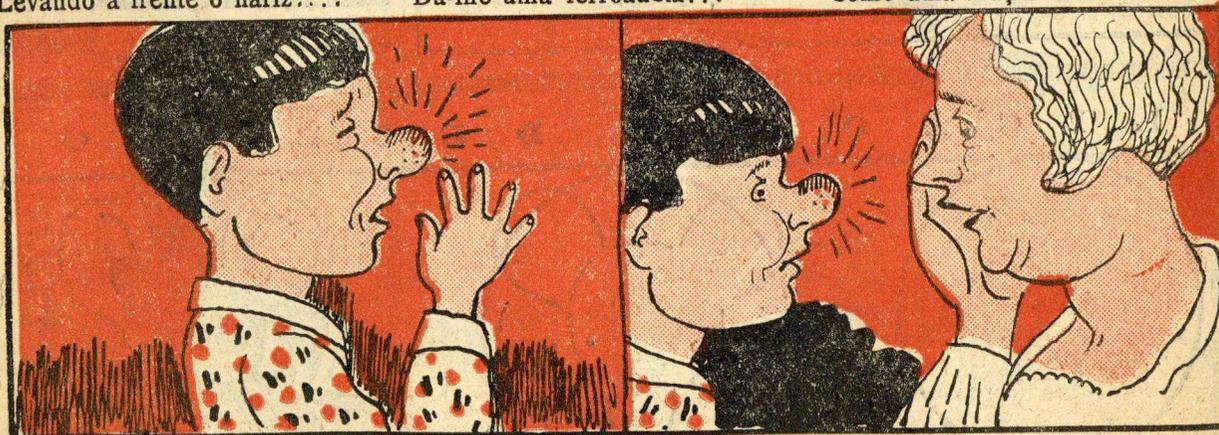
A sua curiosidade
De rapaz endiabrado,
Leva-o perto dum cortiço,
De rastos, acororado...



Há-de saber o segredo,
Que o seu papá lhe não diz...
Chega a cara de mansinho
Levando à frente o nariz!...

Espreita por um buraco,
Oh! Que soberba janela!
Mas, nisto, vem uma abelha
Dá-lhe uma ferroadela...

Que lhe pôs o seu nariz
Da côr duma malagueta,
Tão inchado e reboludo
Como uma maçã reineta!



Ao vel-o, assim, sua mãe
Pôs-se a tremer assustada,
E perguntou ao «Zézé»,
Porque tinha a cara inchada!

—«O que foi isso, Zézé?
(Por um tris era num olho!)
«Quem foi que te pôs, assim,
«O nariz como um trambolho?»

—«Máisinha! Peço perdão!
«Bem sabes que tenho telha...
«Fui eu que quiz descobrir
«O tal segredo da abelha!...»